

EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA, COM RELAÇÃO AO CAMPO E A EDUCAÇÃO

¹Genesis Marcos Rodrigues de Freitas, genesisfreitas21@gmail.com, Escola de Ensino Fundamental Família Agrícola de Brejetuba “João Vicente Filho”.

²Higor Patrocínio Marques, higorpatrocinio@gmail.com, Programa de Pós-graduação em mestrado profissional em Educação PPGMPE – UFES.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo, é resultado da pesquisa realizada para o trabalho de conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal de Viçosa, iniciada/concluída no ano de 2018. Este trabalho, tem por objetivo compreender as expectativas dos estudantes do terceiro ano do ensino médio em relação à educação e ao campo, possibilitando identificar quais fatores contribuem para as expectativas desses estudantes, analisando sua relevância na vida dos mesmos.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir da minha inserção no ambiente escolar, por meio da realização dos Estágios Supervisionados Curriculares II e III, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal de Viçosa na Escola Estadual Maria Luíza Alves Vieira, uma escola do/no campo, que atende em sua totalidade, estudantes oriundos do campo. Ao vivenciar momentos com os estudantes do terceiro ano, alguns pontos despertaram minha atenção, sobretudo, em relação as expectativas dos próprios estudantes após concluírem o ensino médio. Muitos, ainda não tinham planos concretos, outros, desejam permanecer no campo trabalhando na propriedade da família, outros, já enfatizam ter o desejo de ingressar na educação superior ou em um curso técnico profissionalizante. Desta forma, a questão central deste estudo surgiu, ao pensar as relações que se constroem no contexto escolar e não escolar e sua relevância na vida dos estudantes, no que tange a educação e o campo.

Para discutirmos e entendermos essas relações que se concebem entre educação e campo, é crucial compreendermos que a Educação do Campo propõe em seu projeto de campo e sociedade, a implementação de uma concepção e prática de educação, que lhe é própria. Mais que o indiscutível direito à educação, a Educação do Campo propõe que em seus processos educativos, os modos de vida e a relação campo-cidade sejam considerados como elementos fundamentais nas ações de formação (CALDART, 2011).

No entanto, nesse movimento de reivindicação do direito à educação, prioriza-se uma educação que seja no e do campo. Neste sentido, Caldart (2002, p. 18) assegura, que “essa população tem o direito de participar de processos educativos escolares no seu território” (no campo), e além disso, ter processos educativos que vinculem a sua cultura e relações sociais no seu processo de formação (do campo).

Diante disso, vemos que a Educação do Campo, se engaja na luta contra o processo de exclusão social e defesa de outra educação e outra escola vinculada ao projeto de campo dos sujeitos coletivos do campo, tem sido pautada no Movimento Nacional de Educação do Campo. Pois há o entendimento de que “A Educação do Campo não é para nem apenas com, mas sim, dos camponeses, uma expressão legítima de uma pedagogia do oprimido” e que têm em sua essência a interação de vários atores fundamentais (sujeitos do campo), e é construída a partir da realidade e das relações sociais destes (CALDART, 2012, p. 263).

2. METODOLOGIA

O estudo possui abordagem qualitativa, utilizando como estratégias metodológicas: a pesquisa bibliográfica que Segundo Gil (2002, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, permitindo aportar-se das contribuições de autores que se dedicaram a pesquisar e escrever sobre conteúdos que se articulam com este estudo, como Arroyo (2015), Caldart (2012), Frigotto (2012), Molina e Sá (2012), entre outros.

A pesquisa documental constitui “a análise de materiais que não receberam nenhum tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa” (GIL, 2002, p.45). Para esta, lançou mão do Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico da escola, dentre outros materiais que se mostraram relevantes no decorrer da pesquisa. Assim foi possível compreender de quais estudantes e qual escola estamos falando e em qual espaço ela está.

Segundo Gil (2002), a pesquisa de campo é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevista com informantes, para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Para Lakatos (1996, p. 37), a entrevista é “uma das etapas mais importantes da pesquisa, exigindo tempo e cuidados. Entre eles, o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado”. Para esta etapa, a opção foi a entrevista semiestruturada, possuindo um

caráter mais aberto, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção. A escolha por este tipo de entrevista se deu em razão da natureza do estudo, que envolveu cinco entrevistados, todos, estudantes do terceiro ano do ensino médio.

Os dados coletados nesta pesquisa foram organizados, sistematizados, e analisados com base nos pressupostos do método Análise de conteúdo. Inicialmente, realizamos a leitura exaustiva das mensagens e posteriormente, os dados foram organizados conforme as temáticas elencadas neste estudo, o que possibilitou o recorte temático, elaboração das inferências e discussão dos resultados da pesquisa (FRANCO, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste estudo foi possível identificar que as expectativas dos estudantes do terceiro ano, em relação à educação e ao campo, após concluírem o ensino médio, está orientada pelas concepções de campo, escola e educação superior. No conjunto dos estudantes participantes deste estudo (5), 3 estudantes pretendem ingressar na educação superior, e 2 estudantes não pretendem ingressar na educação superior, estes querem continuar no campo contribuindo na agricultura familiar.

A partir da análise de dados, evidenciamos que as expectativas dos estudantes, está vinculada à concepção de campo na perspectiva da Educação do Campo, um campo que proporciona qualidade de vida, considerado, enquanto um espaço onde as famílias agricultoras desenvolvem seu trabalho, sua cultura, e se educam constantemente (CALDART, 2012). Essa concepção, se fundamenta em um outro estatuto: o território. Esse campo enquanto território, é o campo que observamos a construção da identidade dos sujeitos do campo, onde se efetivam as relações de pertencimento. Esse território, é o espaço de vida das famílias agricultoras, onde as mesmas lutam, se educam e se transformam constantemente, desenvolvendo seu próprio pensamento (FERNANDES, MOLINA, 2004). A concepção de campo, que identificamos perpassar as expectativas de futuro dos estudantes, ancorada em suas relações de território, destacamos um campo de possibilidades. Esse campo de possibilidades projeta para esses estudantes um futuro possível nesse campo, um futuro articulado à qualidade de vida e ao desenvolvimento pleno de sua identidade camponesa.

A concepção de escola do campo que perpassa as expectativas de futuro dos mesmos, é de uma escola que possibilita uma formação humana aos seus sujeitos, capaz de avançar contra o ideário da perspectiva da Educação Rural, que reduz o conhecimento a

formação para o trabalho e para produção, mesmo que inconscientemente (MOLINA, FERNANDES, 2004). A concepção de escola do campo dos estudantes, se desenvolve no campo da agricultura familiar, e projeta uma educação de possibilidades, articulada a um campo de possibilidades como tratado aqui, pois supera o conceito de campo enquanto lugar de atraso, onde permanecem os inferiores. Ao propiciar que esses estudantes, tenham a visão de horizontes possíveis, tenham o direito de escolha, essa educação contrapõe ao que Frigotto (2012) apresenta como ideário da Educação Rural, a aplicação de conhecimentos para fixá-los no campo.

No que tange a percepção das famílias dos estudantes, evidenciamos que existe uma diferença entre a educação básica e a educação superior, todas as famílias concordam que a escola é importante e que o ensino médio é crucial na formação escolar dos filhos. Mas, por outro lado, as mesmas não consideram necessário a educação superior. O fato das famílias considerarem que a educação superior não é necessária para seus filhos, se sustenta na ideia de que ingressar na educação superior está condicionado a saída do jovem do campo. Ou seja, a integração entre campo e educação superior para essas famílias é inviável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto dos dados analisados, nos permitiram inferir que todos os estudantes que participaram do estudo, compartilham de uma mesma concepção de campo, um campo que proporciona qualidade de vida e possibilidades, compreendem o campo como lugar de pertencimento e de identidade, e se preocupam com o desenvolvimento desse campo. Essa concepção, possibilitou analisar que nenhum estudante entrevistado deseja sair do campo, independente se este estudante ingressará na educação superior ou continuará contribuindo diretamente na agricultura familiar, essa saída do jovem do campo supera a questão de moradia, partindo do pressuposto de campo enquanto território.

Todos os estudantes compartilham da mesma concepção de educação, afirmando que a escola assume um papel fundamental em sua formação, mesmo aqueles estudantes que não pretendem ingressar na educação superior, reconhecem o papel da escola, e entendem que o conhecimento é importante para a vida, em qualquer área, em tudo que forem fazer. Desse modo, identificamos que essa concepção de campo e de escola, possibilita que os estudantes se compreendam enquanto sujeitos de direitos e tenham autonomia sobre suas escolhas. Diante disso, concluímos que os estudantes que

pretendem dedicar-se ao trabalho na agricultura familiar, não é porque foram fixados no campo, mas, porque se identificam com esse trabalho no campo. Os estudantes que pretendem ingressar na educação superior, também não foi porque veem o campo como um lugar de atraso, mas porque compreendem que existem possibilidades de ser um sujeito do campo e aprimorar os conhecimentos na universidade, por exemplo, além de compreender que esse campo também precisa dos conhecimentos acadêmicos.

5. REFERÊNCIAS

CALDART, R. Educação do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

CALDART, R. S. A. **Educação do Campo e a perspectiva de transformação da forma escolar**. In: MUNARIM, A. et al. (orgs.). Educação do Campo: reflexões e perspectivas. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2011.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, Liber Livro: 4^a ed, 2012, 96 p. (Série Pesquisa; v. 6)

FRIGOTTO, G. Educação omnilateral. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 267-274.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, S. M. S. A (organizadores). Brasília, DF: **Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”**, 2004, Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 05.

MOLINA, M. SÀ, L. Escola do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 326-332.